ATAS DO SIMPÓSIO
SÔBRE A
BIOTA AMAZÔNICA

VOL. 2: ANTROPOLOGIA

Belém, Pará, Brasil, Junho 6-11, 1966

EDITOR: HERMAN LENT

Publicado pelo
CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
RIO DE JANEIRO, GB
1967

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org/biota

Atas do Simpósio sôbre a Biota Amazônica
Vol. 2 (Antropologia): 101-122 — 1967

ALGUNS ELEMENTOS NOVOS PARA O ESTUDO DOS BATUQUES DE BELÉM

NAPOLEÃO FIGUEIREDO e ANAÍZA VERGOLINO E SILVA
Universidade Federal do Pará, Belém

(Com 16 figuras no texto)

O visitante que percorrer as casas de culto com reminiscências africanas em Belém, constatará sem dúvida alguma, ser impossível a determinação de tipos padrões capazes de fornecerem modêlo, pois os mesmos apresentam dessemelhanças de estrutura e de ceremonial. CARNEIRO (1964: 134), no quadro brasileiro, tomando por base determinados aspectos peculiares, delimita áreas onde os mesmos ocorrem, estabelecendo a incidência de uma identificação relativa, possibilitando como afirma, a "compreensão da unidade na variedade".

Os sub-tipos registrados em tôdas as áreas, não oferecem ao pesquisador material passível de tabulação, entretanto as variantes constatadas, indicam desaparecimento gradativo, reinterpretação ou ainda, criação ou reformulação de traços culturais.

A difusão na sociedade urbana brasileira de religiões mediúnicas, oferece perspectivas de trabalho e de interpretação teórica as mais diversificadas, pois se de um lado temos um espiritismo dito científico ou Kardecista, constituindo "sistema filosófico e religioso bastante rico e complexo" (CAMARGO, 1961: 7), de outro, temos a mística africana em oposição à mística cristã. BASTIDE (1945: 48) define o fenômeno, afirmando que "enquanto esta última se volta para a fusão da alma com Deus, por uma lenta ascensão através da noite dos sentidos e da noite do espírito, a outra gira em tôrno de deuses que possuem a alma, em tôrno, em conseqüência, de uma descida do sobrenatural ao natural". Em Belém, vamos encontrar o mesmo fenômeno observado no quadro brasileiro: ao longo dessa linha são encontradas as mais diversas variantes, onde uma religião que nasce — a Umbanda — (BASTIDE, 1960: 422) constitue o meio têrmo e uma aglutinação dos componentes das fôrças que atuam nos extremos dessa linha conceitual. É o que CAMARGO (1961: 13) denomina de "continuum mediunico".

A notícia histórica do contingente negro na Amazônia, é precária e insuficiente, no que concerne ao

* O presente ensaio foi baseado em pesquisa de campo realizada em 1966 como parte do programa de trabalho da cadeira de Etnologia e Etnografia do Brasil.

relato de seus cultos. Por outro lado, a conquista da região, o domínio geral da terra, sòmente pode ser entendido por um complexo de fôrças geo-políticas que atuaram no espaço geográfico da área, formando um triângulo, onde seus vértices apoiam-se em Belém, na vila de Barcelos e em Vila-Bela, antiga capital de Mato Grosso (CARNEIRO DE MENDONÇA, 1963: 6 A), pois foi dessas cidades que partiram os elementos vinculados a êsse domínio, não tendo o braço escravo como fôrça de trabalho, como aconteceu com o açúcar, com a mineração ou com o café, porém o trabalho índio, descido pacífica ou violentamente de seus aldeiamentos tribais, para a indústria extrativista das drogas do sertão.

Os naturalistas viajantes, nos trazem algumas informações dêsse elemento negro, porém silenciam quanto a seus cultos. BATES (1944: 64) nos refere sôbre a composição da população de Belém; AGASSIZ (1938: 195) nos relata passagens da vida social da cidade; WALLACE (1939: 21) nos fala das festas e da participação da população nas mesmas; SPIX & MARTIUS (1938: 19) indicam referências de importação de negros escravos, enquanto os historiadores clássicos da Amazônia, nenhuma referência fazem sôbre o assunto, mostrando apenas a atuação do negro na economia regional. Quanto à participação do negro na estrutura social dos centros urbanos que emergiam, essa foi mínima, e como bem acentua CARNEIRO (1964: 137) "os estilos de vida do silvícola se impuseram aos conquistadores, em tôda região, e ao pequeno número de negros chegados mais tarde, para a lavoura dos mantimentos e para os afazeres urbanos, de menos sedução e importância que as incursões pela floresta".

Uma outra referência é também encontrada nos periódicos locais, especialmente no comêço do século, e diz mais da pressão policial, às "casas de feitiçaria" que perturbavam o sossêgo público nas ruidosas sessões noturnas, ou o noticiário também esparso, dos "despachos" das encruzilhadas, que amedrontavam a população religiosa dos subúrbios distantes da cidade. Ao longo dêsse noticiário, um fator constante: bruxas e feiticeiras, espíritos maléficos, magia negra e espíritos demoníacos, dominando a macumba nos bairros pobres da cidade.

Os cultos iniciados com a vinda dos escravos entrados pelo Maranhão, sofreu grandes modificações, pois teve que diluir-se na pagelança cabocla, que funciona ao lado da religião oficial ou oficiosa, o catolicismo. Uma das análises do fenômeno, é feito por GALVÃO (1951: 222): "um grande número de outras crenças existe junto a forma

Fig. 1 — *Tabocal de caboclo.*

local do catolicismo, crenças essas que não podem ser deixadas de lado ou simplesmente definidas como superstições ou abusões, pois elas constituem tal como os preceitos e as idéias cristãs, expressões de relações com o sobrenatural, cuja importância é atestada em um número de práticas e técnicas. Algumas dessas crenças tiveram origem no velho mundo, patrimônio ibérico ou africano; outros provém de culturas indígenas. Umas e outras, no processo de fusão e incorporação à moderna cultura do caboclo, perderam sua forma original, mesclados e transformados num corpo de idéias, que já não é mais português ou ameríndio, é caboclo.

O fenômeno em Belém é evidentemente urbano e os cultos com reminiscências africanas, agrupam-se hoje sob três grandes filiações: a da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros; a ala dissidente da mesma, o Supremo Conselho do 3.'. da Ordem Pa-

raense da Umbanda Cristã, 7 .'. 5, e ainda um terceiro grupo de participantes, que funcionam independente de qualquer filiação, e que indistintamente são designadas como tendas, terreiros, batuques, macumbas, tambores ou searas.

CARNEIRO (1964: 137) julga face a coloração local, que "há dois tipos de culto na Amazônia, o batuque, e o babassuê, que correspondem às variedades transmitidas respectivamente, por elementos egressos das Casas de Nagô e da Casa das Minas em São Luiz".

Em Belém, um esquema rígido e conceitual dessa natureza não pode ser aplicado, pois ao exame analítico de composição dêsses cultos que se agrupam nas categorias já mencionadas, outros subtipos se apresentam. Assim, a Federação

Fig. 2 — *Ponto de caboclo com ofertório.*

Fig. 3 — *Mangueira, ponto de Oxossi, vendo-se ao fundo a casa de Jurema;* fig. 4 — *Jucá, árvore sagrada da "linha de cura", morada de Mestre Jucá.*

com 192 casas de culto, tem os seguintes subtipos: Nagô, 29; Jurema, 54; Umbanda, 86; e ainda variantes: Jurema-Nagô, 12; Mina-Nagô, 6; Umbanda-Nagô, 2; Umbanda-Jurema, 2 e Umbanda-Negra, 1. O Supremo Conselho da Umbanda Cristã, agrupa mais ou menos 12 casas de culto, que guardam uma certa unidade de denominação; e finalmente os sem filiação associativa, que sobem à casa das dezenas, disseminados desde os subúrbios mais distantes da cidade ao centro urbano pròpriamente dito, de difícil caracterização, pois muitos dêles chegam a transformar-se em cultos familiares e domésticos, onde a participação nos mesmos, é feito exclusivamente por elementos ligados por laços de parentesco ou de amizade.

Uma outra observação é a de Leacock (1964 A: 344) que afirma: "this cult, the Batuque, is similar in many respects to the other African-derived cults which are found in other parts of Brazil and

in other parts of the new world, and the basic ideas and ritual seem clearly to have been brought to the New World by African Slaves" e mais ainda quando define o funcionamento do mesmo culto LEACOCK, 1964 A: 354): "members do not call the cult Batuque but refer to it as either Nagô, Mina or Umbanda, depending on minor variations in belief and ritual. Since these latter terms are used in the literature with various connotations, the term Batuque has been chosen as a general name for the Belém cults in order to avoid confusion. Strictly speaking, the term "batuque" is usually to refer to the public ceremony".

Fenômeno urbano que se desenvolve no Brasil, é estudado por BASTIDE (1960: 422) que nos afirma

Fig. 5 — *Dendezeiro. Ponto de morada do povo da Bahia.*

Fig. 6 — *Jurema Preta. Morada da Cabocla Jurema.*

que, "si l'urbanization, dans un premier moment, détruit la communauté des Noirs, elle crée aussi, dans un deuxième moment, une nouvelle reorganization des liens sociaux sous la forme de la solidarieté dans la classe", onde sôbre o fundo da estrutura social dos grupos humanos, nesses cultos, em um processo cumulativo, são adicionadas as idéias católicas, as idéias de um espiritismo Kardecista (distinguindo-se ainda um kardecismo de intelectuais, que pretende ser científico, e um outro, de classe proletária, vinculado ao espírito dos

Fig. 7 — *Jurema Branca. Morada de Jureminha.*

índios e dos negros), as religiões indígenas, e muitas vêzes idéias filosóficas de sociedades secretas, teosofistas e outras, pois como bem acentua BASTIDE (1961: 470) "le syncretism ne peu se defenir par la simple addition ou par la confusion des civilizations en contact, il est une activité des hommes reunis em groupes divergents et solidaires".

O estudo dêsse problema que em sua configuração nacional é descrito por BASTIDE (1960), encontra em Belém, sua confirmação. Traçando-se um "gradient" conceitual, a partir do Kardecismo praticado na União Espírita Paraense ao culto

afro-brasileiro levado a efeito nos terreiros, observamos: nas casas Kardecistas é grande a freqüência de pessoas de alto nível, onde a classe média-alta exerce liderança, e onde também encontramos a classe média-média e a classe média-baixa. À proporção que nos acercamos dos cultos com reminiscências africanas, diminui a participação de classes sociais elevadas, aumentando a freqüência de classes de baixo nível social, pois aumentando a prática kardecista, diminui a freqüência da classe proletária, ou aumentando a prática afro-brasileira, diminui a participação das classes altas e aumenta a das classes proletárias.

Isso se pode constatar na própria localização dêsses cultos na paisagem urbana: os terreiros localizam-se nos subúrbios distantes e pobres da cidade, onde a população em quase sua totalidade é de proletários; enquanto que os outros (Umbanda e Kardec) têm sua localização nos bairros residenciais de classe média e classe alta.

O estudo dêsses cultos em Belém, apresenta aspectos distintos, quer em sua estrutura, quer em relação

Fig. 8 — *Gameleira Branca. Pegi com imagem de São Francisco.*

ao conjunto, ou ainda ao próprio ritual. LEACOCK estuda dois aspectos do problema: as bebidas ceremoniais (LEACOCK, 1964 A) e sôbre as divindades brincantes nos batuques de Belém (LEACOCK, 1964 B).

No presente ensaio, apresentamos alguns elementos novos para o estudo dêsses cultos.

Em dois terreiros, foi constatado aspecto que os torna diferente dos demais. Êsse traço se bem que apresentado com certa fluidez, constitui entretanto, elemento bem definido. São os cultos fitolátricos; os mesmos que, disseminados nos candomblés baianos, nos xangôs do nordeste, na casa das Minas do Maranhão, os quais não encontraram em Belém, grande difusão.

No Abassá Noxi D'Otá daquela Federação, o culto é celebrado no quintal da casa, atrás do salão de danças. As árvores estão plantadas desordenadamente e são:

TABOCAL — BAMBU AMARELO (*Bambusa vulgaris* var. *villata*) — Grande touceira de bambu, onde está colocada figura de índio esculpida em terracota, montada em pequena pilastra de cimento. E' a morada do Caboclo Flexeiro Gentil de Aruanda, e nos dias de festa e de tambor são ofertados jerimum, mel, cachaça, mucuracaá. Enterrados, existem assentos, porém nosso informante negou-se a dizer quais, bem como o cerimonial das oferendas.

MANGUEIRA (*Mangifera Indica* Lin.) — Árvore já bastante adulta, onde sob seu tronco foram colocados os assentos de Oxossi. É a morada de tôda a linha da mata, e nos dias de tambor e de festa, são colocadas oferendas de milho cozido, miúdos de um galo e dendê.

Fig. 9 — *Laranjeira. Morada de Oxossi e sua falange.*

Fig. 10 — *Tabocal das almas de Yansã. A esquerda, casa de Jurema.*

Nesses dias, a árvore é enfeitada com fitas multicôres e bolas coloridas de vidro. O cerimonial dos ofertórios nos é desconhecido.

Nesse terreiro, o culto das árvores (*) é realizado apenas nos dias de festa ou de tambor, pelo pai de santo A. ou pela mãe de santo I.C. do mesmo, entretanto apesar de ser terreiro estruturado (segundo seus próprios dirigentes nos moldes clássicos dos candomblés Nagô da Bahia) e em conseqüência possuindo tôda uma hierarquização ritual cerimonial, o culto fitolátrico não merece o destaque que os próprios dirigentes do terreiro querem lhe emprestar.

Um outro terreiro, o de M.S., nos mostra essas árvores plantadas em volta da casa, não apresentando seqüência ordenatória e guardando entre si distância apreciável para favorecer o culto.

Partindo-se do lado direito, as árvores estão assim dispostas:

JUCÁ (*Caesalpinia ferrea* Mart.) — Árvore sagrada da "linha de cura". Nela habita o "mestre Jucá". Seus frutos são usados nas sessões de pagelança cabocla para cura de doenças pulmonares, em forma de chá, infusão ou xarope. Muito embora os autores conheçam muitas casas onde se pratica essa pagelança cabocla, também chamada "linha de pena e maracá",

* No jardim de entrada do citado Abassá Noxi d'Otá, existe ainda um pé de JUREMA BRANCA (*Pithecolombium acacioides* Ducke), árvore jovem, ainda sem assentos, e como tal não se realiza culto algum no mesmo.

em nenhuma delas foi assinalada essa árvore com os atributos mencionados. Frente a seu tronco, são colocados nas segundas-feiras ou em dias de tambor, como com água e velas. Em algumas casas o informante esclareceu que é oferecido farofa com dendê e milho cozido. Os ofertórios são substituídos às segundas-feiras sempre acompanhados de preces católicas.

DENDÊ (*Elaesis guineensis* Jacq.) — Ponto de morada do povo da Bahia, exceto Oxalá. Seu culto é uma homenagem aos Orixás da Bahia, pois "tôda comida de santo" e "tôda fortificação de cabeça" é feita com dendê. Dentre o povo da Bahia, alguns pais de santo incluem uma categoria de "caboclos" como mestre "Boiadeiro", "Zé Baiano", "Chapéu de Couro", "Corre Campo". Nosso informante, entretanto, esclarece que conhece apenas mestre "Gererê", que raramente baixa, desconhecendo contudo se o mesmo mora no pé de dendezeiro. Frente a seu tronco, é colocada fa-

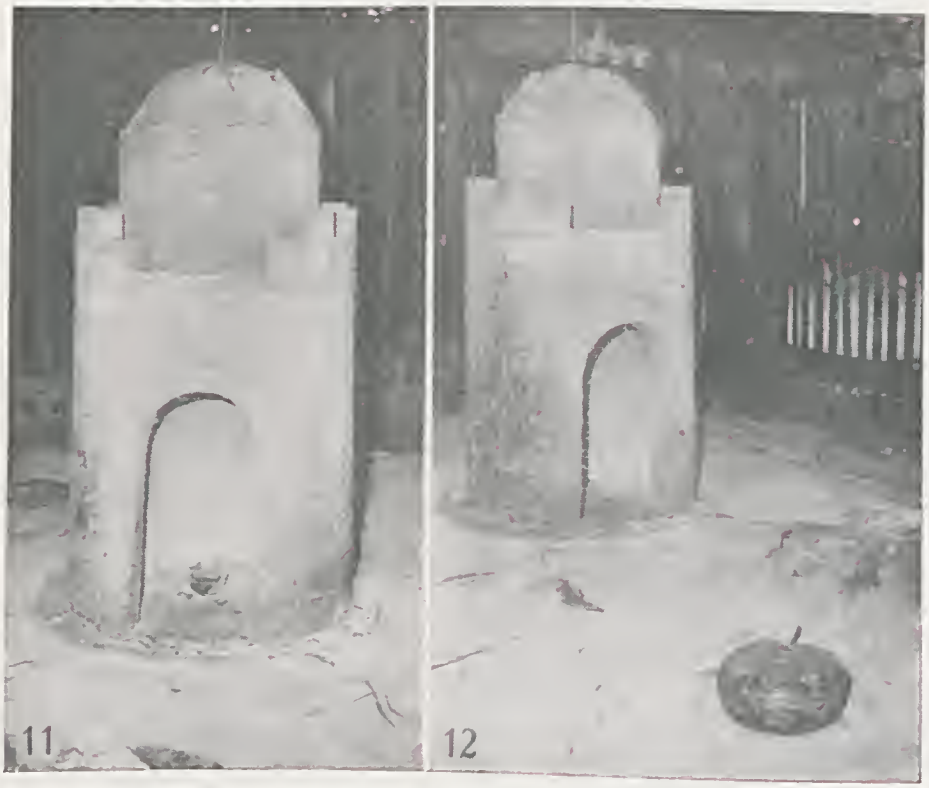

Fig. 11 — *Castelo de Yansã, na frente do tabocal com ofertório em seu interior;* fig. 12 — *Castelo de Yansã e ponto de Xangô.*

rofa de dendê, água comum em copo e as vêzes mel de abelha. O oferecimento é realizado às quintas-feiras com preces católicas de intuição de momento.

JUREMA PRETA (*Mimosa Schemburgkii* Benth.) — Ponto de Morada de Jurema e de todos os seus capangueiros (Rompe-Mato, Sete-Flexas, Juremeiro e outros). Enterrada frente a seu tronco, estão os seus assentos: champanha, vinho, cachaça, dendê, "espada" de veludo pintada, arco, flexa, garrafa com água benta, frasco de mercúrio e um pedaço de ferro. Os oferecimentos são feitos diretamente com preces católicas às sextas-feiras e são: água em bilha de barro, cachaça em cuieté, guaraná e velas. A árvore é sempre plantada em semente e sòmente depois de adulta é que recebe os assentos. Quando se fazem os ofertórios, é sempre invocada a "linha da mata", que tem Oxossi como chefe. São todos caboclos, que formam essa linha para protegerem os crentes do mal.

JUREMA BRANCA (*Pithecolombium* Ducke) — Morada de Jureminha. Há dúvidas quanto a seu relacionamento genealógico; alguns acham que é irmã da cabocla Jurema; outras a situam dentro de um complicado sistema de parentesco, como filha natural do "seu Turquia", enquanto nosso informante e outros, julgam ser a própria Jurema trabalhando na "linha dos brancos". E' "gente fina" e os ofertórios feitos nas sextas-feiras, são acompanhados de preces católicas e constam de perfumes, guaraná, mel de abelha e velas. Nos dias de tambor êsses ofertórios também são feitos.

GAMELEIRA BRANCA (*Ficus citrofolia* Miller) — Morada de Japetequara (caboclo velho). Ao lado do tronco há um pequeno pegi de tijolo com a imagem de São Francisco de Assis. Os oferecimentos são feitos às quintas-feiras e constam de água, velas, milho branco, arroz

Fig. 13 — *Visgueiro. Morada de Oxossi da Mata. Altar de S. Sebastião entalhado no tronco.*

com côco ralado, bôlo de farinha de arroz e milho branco.

LARANJEIRA COMUM (*Citrus amantium* Risse) — Morada de Oxossi e sua falange. Em frente a seu tronco, há uma coluna de cimento e coberta por redoma de vidro, uma imagem de São Sebastião. A êle são oferecidas às quintas-feiras, água, velas e algumas vêzes vinho tinto e preces católicas.

TABOCAL — BAMBU AMARELO (*Bambusa vulgaris* var. *villata*) — Morada das almas de Yansã. Às segundas-feiras são acesas velas e ofertadas preces católicas de invocação de momento. Próximo ao tabocal, há um castelo, em cimento, que o informante diz ter visto em sonhos e recebido ordens para construí-lo. E' a morada de Yansã e embaixo do mesmo estão seus assentos: pequena espada de metal, dendê, champanha e uma garrafa de água benta. Em seu interior são acesas velas. Em frente ao mesmo castelo está o ponto de Xangô, pequena vasilha com água, dentro da qual está um machado de procedência indígena, e embaixo dêsse ponto, os seus assentos: machado e cerveja prêta. A Xangô são ofer-

Fig. 14 — *Obi;* fig. 15 — *Boiuna; ponto de segurança.*

Fig. 16 — *Ponto de guarda e de entrada.*

tadas garrafas de cerveja que são quebradas sôbre as pedras.

VISGUEIRO (*Parkia pendula* Benth.) — Morada de Oxossi da Mata. Em uma cavidade aberta em seu tronco, uma imagem de São Sebastião. A êle são oferecidas velas em um pequeno castiçal pregado ao tronco. O ponto foi assentado por M.A. mãe de santo em Belém, apenas com preces católicas.

OBI — Essa árvore o informante diz ter vindo da África e lhe foi ofertada por J. G. Não tem culto nem assentos e uma vez ou outra, perto de seu tronco são acesas velas.

TUCUMAN — Pequena touceira dessas palmeiras, também sem assentos. É a morada de Curupira. Há um pequeno pegi de tijolo, com porta de tela com várias figuras de bonecos negros. As segundas-feiras são ofertadas velas e às quintas-feiras, mel, cachaça e bombons.

BOIUNA — Ponto de segurança da entrada da casa. Não possui assentos e aos domingos é ofertada cuieté com cachaça.

Essas árvores não recebem enfeites de espécie alguma. São normalmente aparadas com tesouras de jardineiro e a pessoa que realiza a poda, antes de fazê-la, pede

sempre licença para aparar. Normalmente depois da poda, os ofertórios são renovados. Por ocasião da Quaresma, período em que todos os terreiros cerram suas portas, nenhum ofertório é feito*.

Assim, como vimos nos casos estudados, há um elemento comum ao culto: os "santos" moram nas árvores e a êles são feitos ofertórios, entretanto a função exercida pelas árvores é diferente em cada caso.

As informações sôbre êsses cultos em Belém, encontram-se diluídas no tempo. Um dos mais velhos informantes M.D. "feita" em São Luiz, esclarece sôbre a existência dos mesmos naquela cidade, entretanto, apesar de ser a mais velha mãe de santo em Belém, não tem lembrança dêsses cultos serem praticados nesta Capital.

O culto fitolátrico é rito que vamos encontrar bastante difundido nos candomblés baianos, nos xangôs do nordeste e na Casa das Minas no Maranhão. As notas mais antigas são encontradas em Rodrigues (1935: 53) que nos refere serem as árvores fetiches animados ou moradia de santo. É ainda o mesmo autor (Rodrigues, 1945: 359) que nos esclarece ser no tronco das árvores que se fazem os sacrifícios. Quirino (1938: 53; 127), nos fala de tecidos de palha em redor do tronco da gameleira; dos "encantados" que ao chegarem à cabeça das mulheres, necessitam do preparo de ervas diferentes, dentre ela o arbusto — jurema. Ramos (1951:279) cita igualmente os cultos fitolátricos registrados por Nina Rodrigues, porém que não teve oportunidade de presenciá-los. Carneiro (1936: 46) igualmente nos refere ao culto de Ifá e de Irôko, e ainda o mesmo autor (Carneiro, 1937: 95) acentua dentre os Bantu o culto do pé de Lôko. Pereira (1947: 37) nos relata o culto da cajàzeira, árvore sagrada da maior importância na casa das Minas. Valente (1955: 150), nos diz

---

* Como dissemos anteriormente, M. S. não possui casa de culto em seu sentido exato. Apesar de ser acatado em todos os terreiros de Belém, onde aparece como figura de maior destaque, é consultado por quase todos os pais e mães de santo que vão até ali pedir conselhos e orientações doutrinárias, não estruturou seu terreiro. Quando em sua residência realizam-se "toques", apenas um reduzido número de pessoas, especialmente convidadas, dêle participa, e essas reuniões não são freqüentes, realizando-se apenas nos dias de festa dos grandes orixás como Ogum, Xangô e Yansã. Nesses dias, pais e mães de santo, mediuns de outras casas, especialmente convidados, participam do culto, como se fôssem filhos da casa. O culto das árvores é realizado por M. S. e seu irmão J. S. e um amigo R. que moram na mesma residência. Quando há visitantes os mesmos participam do culto. A posição de M. S. é de um cardeal de macumba, orientando, aconselhando, doutrinando, porém desvinculado de tôda e qualquer estrutura, quer associativa, quer institucional, respeitado e estimado por todos.

de Ossain, divindade das fôlhas e de Orumila, cujo fetiche é o fruto do dendezeiro. BASTIDE (1945: 73, 208) cita as árvores sagradas enfeitadas de fitas; o culto da jurema e afirma (BASTIDE, 1961: 194) que o mundo da floresta está prêso ao mundo das divindades.

Em Belém, como vimos, o culto e a função das árvores sofreram modificações em seu conteiro. Em apenas três casos podem ser estabelecidas comparações válidas: o culto de Lôko, onde São Francisco sob forma sincrética habita a árvore; o de jurema; ou ainda o tabocal das almas de Yansã, referida por FRIKEL (1964: 67, 71) no culto dos egun. O cerimonial e os ofertórios são entretanto diferentes.

Outro elemento nôvo não referido em bibliografia anterior, é uma série de divindades, reunidas em grupamento distinto: a "gente fina".

No quadro brasileiro, VALENTE (1955: 108) refere que os "encantados" correspondem às divindades africanas e tem aumentado seu número com o enxêrto de entidades novas nascidas no Brasil e que vêm sendo criadas incessantemente. BASTIDE (1960: 226) cita ainda êsses "encantados" como espíritos de seitas sincréticas do norte e do nordeste brasileiro. LEACOCK (1964 B: 96) quando estuda os batuques de Belém, nos indica que os "encantados" são do mesmo universo sobrenatural como os santos, a Virgem, a própria Divindade, possuindo entretanto menor poder e maior proximidade com os homens. Essas entidades, moram nas "encantarias" abaixo do céu e acima das nuvens, mantendo constante interação com os homens (LEACOCK, 1964 B: 96).

Aos autores parece no entanto que essas entidades situam-se em grupos bem distintos: os "encantados" pròpriamente ditos, a que estão vinculadas as entidades oriundas da África, os espíritos dos prêtos velhos e dos caboclos como: Japetequara, Rompe Mato, Sete Flexas, Juremeiro, Pena Verde, Pena Branca e muitos outros com nomes portuguêses: João Francisco da Mata, Mariana, Antônio da Luz, José Raimundo, João de Una, D. Estrêla, etc. Em outro conjunto, encontram-se entidades que foram "enfeitiçadas" sob a forma de animais da fauna local, recebendo o nome dos mesmos, tais como: Mestre Puraquê, Boto Tucuxi, Cobra Grande, Cobra Coral, Peixinho do Mar, Mestre Jacarèzinho, todos encontrados na chamada "linha de cura" ou de "pena e maracá". Em um terceiro agregado, enquadram-se as entidades que são vistas, não tem nome, porém "baixam" sem

qualificação e sem palavras e apenas com gritos se anunciam. E finalmente, para um último grupamento, convergem os espíritos dos brancos. É a gente fina: reis, príncipes, fidalgos, nobres, pessoas importantes, que se destacam dos outros por terem *status* mais elevado e mais esmerada educação. Quando "baixam", têm comportamento bem diferente dos demais encantados: vestem-se algumas vêzes com indumentária da época, dão conselhos, jamais ingerem bebida cuja base seja aguardente. Bebem vinho e refrigerantes, pedem perfumes e enfeites. Pertencem a êsse grupo: D. João, D. Luiz de França, Rei da Nuvem, Rei da Bandeira, Rei Floriano, Fina Jóia, Sinha Bê, Rainha Navê-Orina, Rei Turquia, sua família e outros.

Enquanto em apenas dois terreiros, há incidência do culto fitolátrico, a "gente fina" aparece em tôdas as casas de culto. Essas entidades novas, criadas incessantemente e já referidas por VALENTE (1955: 108) parecem, em Belém, ter sua origem em têrmos nominais específicos que aparecem nos primeiros versos de muitos "pontos cantados". Assim, a criação da "gente fina" tudo nos indica ter tido sua origem em um ponto cantado por ocasião das relações "mantidas cordialmente entre as casas de Minas e de Nagô", em São Luiz do Maranhão (PEREIRA, 1947: 42), onde nas visitas os Nagô cantavam:

Ah! Eu sou fina, fina
Ah! Eu sou fina de Otá! etc (*)

ou ainda, o têrmo genérico utilizado pelas populações caboclas da Amazônia, que tôdas as vêzes que se referem aos brancos de posição ou de destaque, o chamam sempre de "gente fina".

A falta de uniformidade apontada no início do presente ensaio, vai nos conduzir entretanto a uma problemática de pesquisa, para a análise dos batuques de Belém.

O fenômeno é idêntico ao referido por BASTIDE (1945: 64, 108): "cada um dêsses candomblés tem sua vida própria, sua história, seu espírito... e cada um dêles, constitui um mundo, ligado sem dúvida ao conjunto da comunidade brasileira, mas que nem por isso, deixa de ter seus caracteres próprios, sua vida espiritual autônoma".

Sòmente o estudo parcelado de cada uma dessas casas de culto, poderá nos dar os elementos comparativos para uma visão total.

Os elementos aqui estudados, indicam reminiscências de cultos africanos, reformuladas por infle-

* Êste ponto foi registrado na festa de aniversário do Abassá Noxi D'Otá, juntamente com o de Fina Jóia e outras entidades qualificadas como "gente fina".

xões Umbandistas e reinterpretados pela leitura dos autores clássicos (* *), onde os próprios valôres dos mesmos são diluídos ao longo da pagelança cabocla.

SUMÁRIO

Os cultos com reminiscências africanas em Belém, enquadram-se dentro da área do "batuque" estabelecida por Edson Carneiro.

Dêsses, a notícia histórica é precária e insuficiente. Apenas algumas referências de jornal, nos dão informes sôbre pressão exercida aos mesmos por autoridade policial. As outras alusões, são produtos de trabalhos de referência, exceto artigos de Leacock relacionados às "divindades brincantes" e utilização do álcool no decorrer dos cerimoniais.

Alguns elementos entretanto, como os cultos fitolátricos e uma nova categoria de entidade — "a gente fina" — apresentam-se dando não sòmente novas contribuições para seu estudo, como também perspectivas de caráter conceitual em relação a êles.

** Os problemas de reinterpretação e reformulação dos cultos afro-brasileiros têm sido objeto de muitos estudos por parte de pesquisadores nacionais e estrangeiros e também pelos militantes dos mesmos. É bastante comum encontrar-se nas estantes dos pais-de-santo, ao lado dessa literatura não codificada e que é adquirida nas feiras, nos mercados, nas livrarias onde se vendem também banhos, amuletos, defumações, as obras dos autores clássicos, nacionais e estrangeiros, que realizaram estudos sôbre os cultos.

Em 128 casas de culto, pertencentes à Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado do Pará, apenas numa delas, os autores encontraram elementos vinculados ao culto fitolátrico. O outro, pertence à casa não associada a essa Federação.

As árvores reverenciadas como morada de Orixás encantados, caboclos, prêtos velhos e ainda "gente fina", encontram-se em ambos os casos, no terreiro dessas casas, uma delas com salão de dança específico e a outra simplesmente como residência.

O culto que funciona na casa de M. S. é o maior dêles, com árvores de incidência amazônica, do nordeste e uma africana. As do "Abassá Noxi d'Otá", são de origem amazônica e do nordeste.

Em ambos os casos, há um elemento comum ao culto: os "santos" moram nas árvores, e a êles são feitos ofertórios; entretanto a função exercida pelas árvores é diferente em cada caso.

As informações sôbre êsses cultos em Belém, encontram-se diluídas no tempo. Um dos mais velhos informantes, M. D., "feita" em São Luiz do Maranhão, esclarece sôbre a existência dos mesmos naquela cidade, entretanto, apesar de ser a mais velha "mãe-de-santo" em Belém, não tem lembrança dêsses cultos serem praticados nesta Capital. Por outro lado, à leitura de uma li-

teratura sôbre "Religião Umbandista", esta não codificada, foi acrescentada uma científica. É bastante comum, encontrarmos nas casas onde funcionam êsses "batuques", ao lado de livros adquiridos em feiras, mercados, livrarias onde se vendem também banhos, amuletos, defumações; os autores clássicos, nacionais e estrangeiros, que realizaram estudos sôbre os cultos afro-brasileiros.

Quanto à categoria de "gente fina" que aparece "baixando" no decorrer dos "toques" esta não é referida na Bibliografia conhecida.

Parece ser oriunda de "ponto cantado" no Maranhão, de origem Nagô, e que trazido para Belém após reinterpretação, ganhou forma de entidade.

Aos autores, tudo indica tratar-se de reminiscência de culto africano, reformulada por inflexões umbandistas, onde os próprios valôres dêsses cultos e dessas entidades, são desconhecidos pelos seus participantes.

SUMMARY

The cults in Belém, with African reminiscence, are embodied into the "Batuques" area, established by Edson Carneiro.

It is precarious and insufficient the Historical news about them. Some informs, concerning to the pression practised against them, by the policial authority, are given us thanks to the references published in the newspapers. The other allusions are products of the works of reference except some articles written by Leacock concerning to "divindades brincantes" (fun-loving deities) and the use of the alcohol during the ceremonies.

However, some elements, like phytolatrical cults and a new kind of entity called "gente fina" are introduced giving not only new contributions to its study, but also presenting outlooks of a conceptional character with relation to them.

In 128 cult-houses, belonging to the "Umbanda Spiritist Federation and the Afro-Brazilian Cults in the State of Pará" just in one of these houses, were found, by the authors, some elements linked to phytolatrical cult. The other one belongs to the house not associated in this Federation.

The trees, reverenced as the dwelling-place of the "orixás", the "encantados", the "caboclos" the "pretos velhos" and also the "gente fina" are found on both cases on the terrace of these houses, one of them with its specific dancing room and another that is merely a residence.

The biggest cult is operated in the house of M. S. There are trees with Amazonian, Northeastern and one else with African incidence.

The one of "Abassá Noxi d'Otá" are natively Amazonian and Northeastern.

On both cases, there is an element very common to the cult. They are the "santos" dwelling in the trees. Offertories are dedicated to them; neverthless the function exercised by the trees is different in each case.

The informations about these cults in Belém were dissolved throughout the time. One of the oldest informers, M. S. "feita" in São Luís do Maranhão, brings a clearing up, concerning to the existence of them in that city. However, in spite of beeing the oldest "mãe-de-santo" in Belém, she doesn't remember if these cults were practised in this capital. Otherwise it was added to the reading of a literature about "Umbandist Religion" (this one not yet codified) a scientific one.

Usually, we can find the houses where "batuques" work, besides the books acquired in the fairs, markets, bookstore, where are also put on sale the baths, the amulets, the smoking, the Classical, the National and the Foreign authors which realized studies about the Afro-Brazilian cult.

With relation to the "gente fina" that appears "baixando" during the "toques", is not reported in the known bibliography.

It seems to be native from "ponto cantado" in Maranhão and descendant from Nagô which one, brought for Belém, got a new form of entity, after a re-interpretation here.

We are led to believe that they are a reminiscence of the African cult reformulated by inflections of the Umbandist, where the values themselves of these cults and entities are unknown by its participants.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, L. & AGASSIZ, E. C., 1938, *Viagem ao Brasil*, 1865-1866. Brasiliana, vol. 95. Companhia Editôra Nacional, São Paulo.

BASTIDE, R., 1945, *Imagens do Nordeste Místico em Branco e Prêto*. Emprêsa Gráfica O Cruzeiro, S/A., Rio de Janeiro.

BASTIDE, R., 1960, *Les Religions Africaines au Brésil*. Presses Universitaires de France, Paris.

BASTIDE, R., 1961, *O Candomblé da Bahia*. Brasiliana, vol. 313. Companhia Editôra Nacional, São Paulo.

BATES, H. W., 1944, *O naturalista no rio Amazonas*. 1.º Vol. Brasiliana, vol. 237. Companhia Editôra Nacional, São Paulo.

CAMARGO, C. P. F., 1961, *Kardecismo e Umbanda*. Livraria Pioneira Editôra, São Paulo.

CARNEIRO DE MENDONÇA, M., 1963, *A Amazônia na época Pombalina*, vol. 1. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

CARNEIRO, E., 1936, *Religiões Negras*. Biblioteca de Divulgação Científica. Vol. VII. Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro.

CARNEIRO, E., 1937, *Negros Bantus*. Biblioteca de Divulgação Científica, vol. XIV. Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro.

CARNEIRO, E., 1964, *Ladinos e Crioulos*. Editôra Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro.

FRIKEL, P., 1964, Traços da doutrina gêge e nagôu sôbre a crença na alma. *Rev. Antropol.*, São Paulo, 12 (1 e 2).

GALVÃO, E., 1951, Panema. Uma crença do caboclo amazônico. *Rev. Mus. Paulista*, Nova Série, 5:

LEACOCK, S., 1964 A, Ceremonial drinking in a afro-brazilian cult. *Amer. Anthropol.*, 66 (2):

LEACOCK, S., 1964 B, Fun-leving deities in an afro-brazilian cult. *Amer. Quart.*, 37 (3):

PEREIRA, N., 1947, *A Casa das Minas*. Publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia, vol. 1, Rio de Janeiro.

QUERINO, M., 1938, *Costumes Africanos no Brasil. Biblioteca de Divulgação Científica*, vol. XV. Civilização Brasileira S/A Editôra, Rio de Janeiro.

RAMOS, A., 1951, *Introdução à Antropologia Brasileira*, 1.º vol. 2.ª Ed. Livraria Editôra da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, N., 1935, *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Biblioteca de Divulgação Científica, vol. II. Civilização Brasileira S/A Editôra, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, N., 1945, *Os africanos no Brasil*. Brasiliana, vol. 9, Companhia Editôra Nacional, São Paulo.

SPIX & MARTIUS, 1938, *Viagem ao Brasil*, 1817-1820. Vol. III. Edições Melhoramentos, São Paulo.

VALENTE, W., 1955, *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. Brasiliana, vol. 280. Companhia Editôra Nacional, São Paulo.

WALLACE, A. R., 1939, *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Brasiliana, vol. 156. Companhia Editôra Nacional, São Paulo.